

Florianópolis (SC)
janeiro/fevereiro de 2009
Ano 3
nº 16
R\$ 4,00

Pobres Nojentas

Foto: Kelen Oliveira



A luta é lilás nos quartéis catarinas



CaPa

14 O quartel se fez lilás

- 04 Figueira abriga a luta de quem perdeu o lar
- 10 Tortura legalizada
- 13 "Porque se chamavam homens também se chamavam sonhos..."
- 22 A Novembrada 20 anos depois

Seções

- 03 Editorial
Um ano para homenagear a vida
- 08 Crônica
Com Maria do Carmo, outra vez
- 19 Crônica
Tempo de vindima
- 20 Su & Li
- 21 + um número
- 25 Crônica
A humanidade do céu
- 26 Tempo Livre
- 27 Poesia
Pequeno gesto

Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



5 edições ao ano
(bimestral): R\$ 23,00
(inclui as despesas
com o Correio)



Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Colaboraram nesta edição:

- Ana Cláudia de Souza
- Alexandre Brandão
- Celso Vicenzi
- Eduardo Schmitz
- Elaine Tavares
- Eluci Santini
- Kelen Oliveira
- Marcela Cornelli
- Mariana Hoffman
- Miriam Santini de Abreu
- Rosângela Bion de Assis
- Raul Fitipaldi
- Rondinelli Suave
- Sandra Werle
- Thiago Bianchin

Jornalista

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:
eteia@gmx.net

Projeto gráfico, Editoração e Tratamento de imagens

Sandra Werle
(MTB/SC 00515-SC)
Rosângela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)

Artes da *Pobrecita*

- Silva
- Eduardo Schmitz

Apoio Cultural

• Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)
www.sindprevs-sc.org.br



Florianópolis/Santa Catarina

Um ano para homenagear a vida

2008 foi pleno para a equipe da Pobres & Nojentas. Chegamos ao número 15 da revista, que completou três anos com novo projeto gráfico. Também lançamos, além do blog www.pobresenojentas.blogspot.com e da conta no You Tube, br.youtube.com/PobresyNojentas, um novo blog, <http://revistapobresenojentas.wordpress.com>.

com, para postagem exclusiva de artigos jornalísticos e científicos sobre comunicação e jornalismo. No final do ano vendemos a camiseta da P&N, com ilustração assinada pelo jornalista Eduardo Schmitz. Outra novidade foi a estréia da Pobres & Nojentas Teórica, que fala sobre o jornalismo que se faz nos sindicatos.

No dia 1º de dezembro, demos à luz o livro *Mulheres da Chico*, escrito por Catarina Francisca de Souza, Daniele Braga Silveira, Janete Osvaldina Marques, Lídia Almeida, Maria do Carmo Apolinário e Jussara Fátima dos Santos, a Sara, moradoras na Chico Mendes, bairro Monte Cristo, na capital catarinense, que enfrentaram o desafio de fazer um livro sobre suas experiências de vida.

O livro, da Companhia dos Loucos, que também edita a P&N, conta histórias de lutas, desafios, de momentos tristes e de alegria, de fantasias e desejos. A organização da obra foi feita pela educadora Sandra Ribes, com fotografias de Sônia Vill e projeto gráfico e diagramação de Sandra Werle e Marcela Cornelli.

segundo lançamento foi na Casa Chico Mendes no dia 16 de dezembro.

Mais uma vez, em 2008, contamos com o apoio fundamental do SINDPREVS-SC, o Sindicato dos Previdenciários em Santa Catarina, para viabilizar a publicação da revista, da P&N Teórica e do livro *Mulheres da Chico*. Em 2009 queremos fazer a Pobres chegar ao número 20, terminando o ano com a publicação de mais uma P&N Teórica. E sabe mais o quê!



Equipe da Casa Chico Mendes (em pé) e autoras



Equipe da TV Floripa entrevista as mulheres

Compre a P&N Teórica

O pequeno caderno de estréia da P&N Teórica fala sobre o jornalismo que se faz nos sindicatos. Os três artigos mostram que este é um espaço privilegiado para se fazer jornalismo contextualizado e que aprofunde a interpretação dos fatos, como ensina o pesquisador Adelmo Genro Filho, um dos que nos inspira.

Para isso, levantamos algumas questões teóricas e mostramos algumas práticas. É nosso jeito de romper também a barreira do saber institucionalizado.

Artigos:

1 - Jornalismo é conhecimento e libertação - Elaine Tavares

2 - Jornalismo em Sindicato: tornar bendito o maldito

- Míriam Santini de Abreu

3 - Sindprevs-SC: ousadia na Comunicação - Rosângela Bion de Assis, com Frank Maia

36 págs., Cia. dos Loucos, Florianópolis

Preço: R\$ 6,50 (incluindo despesa com Correio)

Encomendas: revistapobresenojentas@gmail.com

Blog da revista

<http://pobresenojentas.blogspot.com>

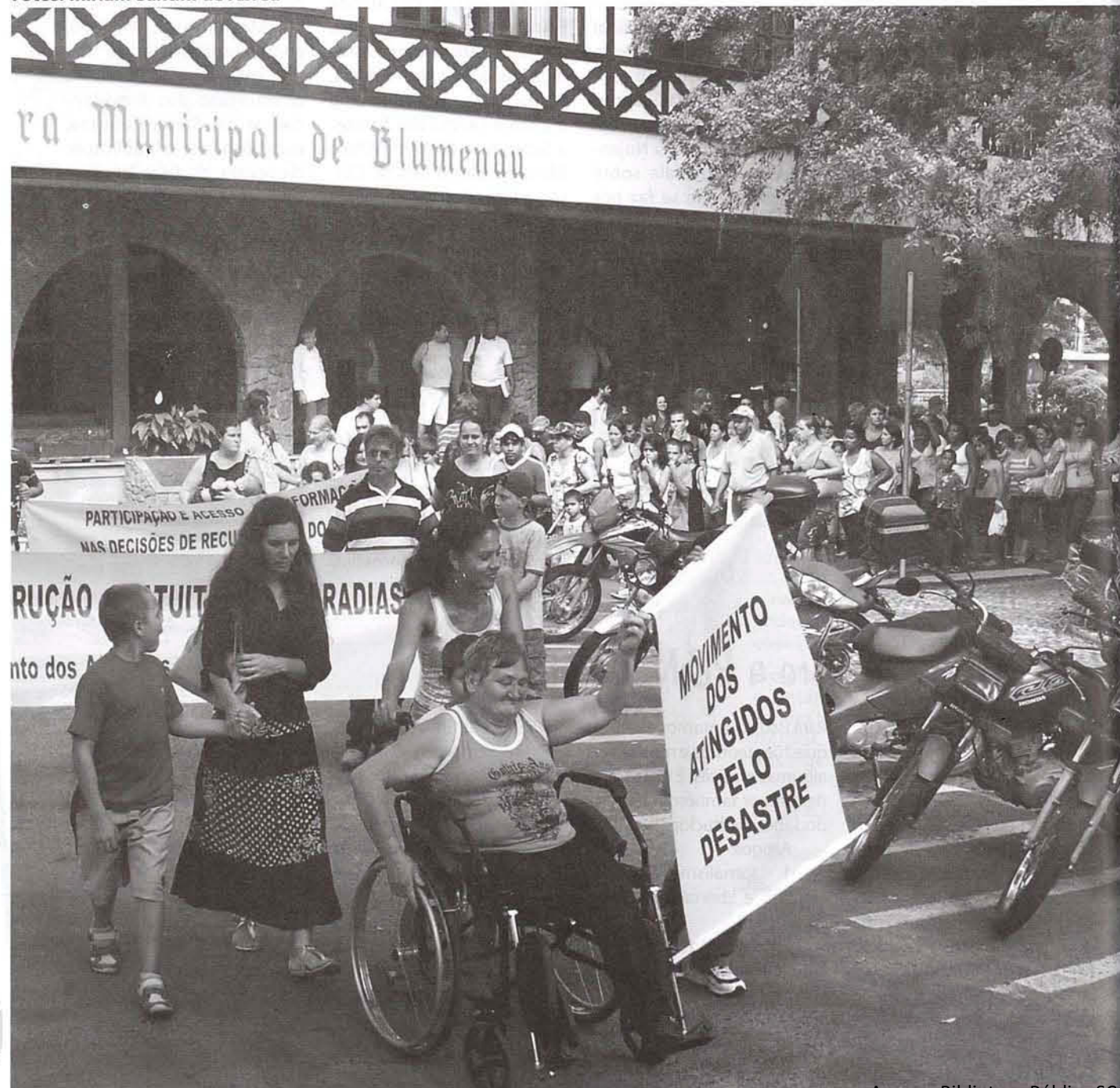
Blog da revista teórica (comunicação e jornalismo)

<http://revistapobresenojentas.wordpress.com>



Figueira abriga a luta de quem perdeu o lar

Fotos: Míriam Santini de Abreu



Por Míriam Santini de Abreu, de Blumenau

Nos bolsos e na carteira Vergílio Fernandes não guarda uma coleção de cartões de crédito nem de plano de saúde. Mas ele não sai de casa sem a carteira de trabalho e o ofício no qual o INSS confirma que ele está "encostado", como se diz, por causa de um acidente. Agora precisa andar de muleta. "É, dona, a gente precisa provar que é trabalhador", justifica, fazendo questão de exibir o documento no qual estão anotados os lugares onde ele vendeu a sua força de trabalho. As manchas azuis em algumas páginas, explica, foram provocadas por um aguaceiro do qual ele não conseguiu escapar.

Vergílio foi uma das centenas de pessoas que, no dia 23 de janeiro, participaram de uma manifestação na frente da velha figueira que, famosa por abrigar as gente em luta, inunda de sombras a entrada da prefeitura de Blumenau (SC). A maioria dos homens, mulheres e crianças que ali se encontraram naquela tarde não havia saído de suas casas.

Para eles, o que antes era um endereço virou amontoado de terra, pedra e escombros. Identificavam-se pelo abrigo onde foram deixados pelo poder público depois da tragédia de novembro passado. Em 30 de janeiro, os dados oficiais eram de 15.007 desalojados e desabrigados, 135 mortes e 2 pessoas desaparecidas. Em Blumenau havia, no início de fevereiro, 530 famílias em 28 abrigos. Os desabrigados na cidade se uniram para lutar porque, depois de mais de dois meses, as medidas que eram provisórias corriam o risco de se tornarem definitivas. Formou-se então o Movimento dos Atingidos pelo Desastre que, depois da manifestação, conseguiu ser recebido pelo prefeito da cidade.

Virgílio conta que a casa onde mora com a mulher e um filho, apesar de velha, não caiu, mas ele foi ao ato para apoiar um vizinho que perdeu praticamente tudo. O caso dele, ali, era exceção. "Houve uma catástrofe, mas não podemos ser esquecidos, não podem tratar isso como coisa normal", dizia Nelson de Almeida Rodrigues, 53 anos, que está em um abrigo com a família. Ele perdeu a casa onde morava, no bairro Asilo, e quer ver cumprida a promessa que os governantes fizeram

de reconstruir as moradias. Há três anos ele também espera a decisão judicial para responsabilizar quem o atropelou quando pilotava uma motocicleta. A cirurgia no fêmur direito lhe custou a plena capacidade para o trabalho. "Com tudo isso, tem hora que dá vontade do cara gritar", desababa Nelson. Isaurina da Rosa Cardoso ouviu a conversa e conta que da casa própria onde morava também não sobrou praticamente nada. "Ela se partiu, ficou dependurada, mal deu tempo de tirar as minhas coisas", lembra a mulher, que agora, sem condições de adquirir outra, foi morar com a filha.

O Movimento exige a imediata reconstrução gratuita das casas e definição de prazo para que todos os desabrigados tenham as suas moradias.

Também esperam mais agilidade da Defesa Civil, que dá o parecer sobre a situação das áreas que ainda não foram vistoriadas. A luta tem o apoio do Fórum dos Movimentos Sociais e Fórum dos Trabalhadores de Blumenau. Tulio Vidor, presidente do Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau (Sinsepes), conta que, logo depois do desastre, pessoas ligadas às entidades que compõem os Fóruns começaram a visitar os abrigos para verificar a situação de seus trabalhadores. Formaram-se grupos para fiscalizar, levantar os problemas, esclarecer a população e cobrar providências. Os desabrigados e desalojados fizeram reuniões, duas plenárias e decidiram se organizar.

Coordenador do Movimento, Nicacio Antonio Mariano diz que entre outras reivindicações os desabrigados querem acesso às informações dos recursos das doações e quem está se beneficiando delas. Não se trata de pouco dinheiro. A Secretaria Executiva da Justiça e Cidadania, por meio do Departamento Estadual de Defesa Civil, divulgou no dia 3 de fevereiro

que o saldo total foi de aproximadamente R\$ 33 milhões nas contas de doações do órgão após as chuvas de novembro. "Também queremos discussão pública sobre os projetos e propostas em andamento na prefeitura", acrescenta Nicacio.

O Ministério Público de Santa Catarina abriu procedimento para investigar as condições de um dos galpões que está recebendo parte das famílias ainda desabrigadas. A decisão foi motivada por denúncias de condições precárias de moradia, fiação elétrica próxima das divisórias, calor excessivo por causa do tipo de cobertura do galpão e a falta de inspeção do local pelo Corpo de Bombeiros.

Abrigadas sob a figueira, Nelci Klaus de Moraes e Luciana Ribeiro contam que não se conheciam, mas descobriram que havia muito em comum a uni-las. Ambas têm três filhos e estavam no abrigo da escola Júlia Lopes de Almeida. Antes das chuvas que arrasaram a cidade, elas moravam de aluguel. "Perdi todos os meus móveis, que ainda estou pagando, mas salvamos nossas vidas", diz Nelci. Agora, recebendo 500,00 por mês e endividada, ela não tem como alugar outro imóvel. Luciana deixou na casa de parentes o que conseguiu salvar.

Com a volta às aulas em fevereiro, a prefeitura de Blumenau começou a discutir o projeto de "moradias provisórias". Na verdade, são obras para levar as famílias a galpões.

Os prédios seriam locados e adaptados pela prefeitura em parceria com o governo do Estado. Só que não há garantia de que o tal "provisório" não vire "definitivo". "Os recursos das doações, que deveriam ser destinados a resolver nosso problema de moradia, estão servindo para aumentar a especulação imobiliária. Isso porque o dinheiro é usado para pagar aluguel de casas e não para a construção das moradias destruídas pelas chuvas", diz a Carta Aberta distribuída à população. "Há aqui pessoas idosas que conseguiram ter uma casa com muito esforço, pagaram seus impostos e agora têm que se humilhar para pedir um direito que é delas", dizia Justina Inês Ogliari, que foi à manifestação para apoiar os desabrigados.

Os abrigos têm um regulamento que define a hora das refeições. Quem chega atrasado não come. O horário de visitas também é controlado, assim como a hora de apagar as luzes. Muitos desabrigados, em suas falas, comparam a experiência a uma prisão. Há outras situações humilhantes, como a proibição de reuniões do Movimento. Qualquer atividade depende de autorização da prefeitura. Os desabrigados, já fragilizados pela falta de privacidade e de conforto adequado, ouvem ameaças de expulsão do abrigo e de demissão do emprego. Em muitos casos a presença de militares serve para aumentar a intimidação.

Depois da reunião na prefeitura, houve a promessa de que parte das reivindicações será atendida. Quase três meses depois do desastre, e agora que na mídia se fala mais do verão e dos turistas, os desabrigados de Blumenau mostram que, para além dos gestos solidários, o que se faz fundamental é a luta.

Luciana e Nelci, Nelson, Isaurina e Justina: população foi às ruas cobrar promessas



Chuva não é a única culpada

Desde novembro de 2008 ouve-se na mídia que as chuvas causaram o desastre que provocou mais de uma centena de mortes em Santa Catarina. As causas, porém, são muito mais complexas. Decisões políticas, econômicas e ambientais equivocadas se somaram para ampliar a extensão da catástrofe. Ivo Marcos Theis, professor ligado ao Núcleo de Pesquisas em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau (Furb), escreveu um artigo intitulado "Calamidade? Qual calamidade?", em que desvenda essa aparente culpa da chuva. Em um dos trechos do artigo ele conta que em junho do ano

passado, três meses antes das eleições municipais, foi lançado um projeto, Blumenau 2050, que desenhava um futuro espetacular para o empresariado e, sobretudo, para a especulação imobiliária do município. Ele escreve:

"A segunda página do referido projeto Blumenau 2050 contrasta três imagens da área mais central da cidade: a do passado é ralinha, pouco habitada e, convenientemente, em preto e branco; a segunda, colorida, é a do presente, com urbanização avançada e as águas do rio barrentas; e a terceira é a do futuro, sem sinal de pobreza e com edifícios imponentes se erguendo às mar-

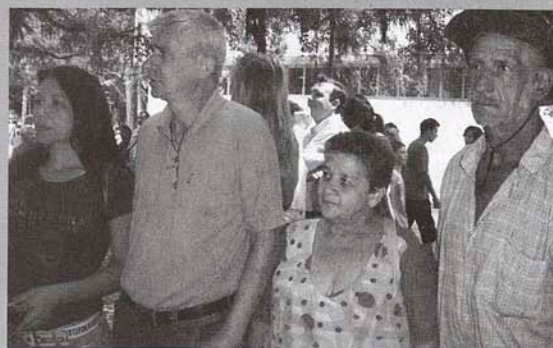
gens de um Rio Itajaí cristalinamente azul. A calamidade botou uma azeitona estragada na empada da especulação imobiliária e do projeto político das elites locais."

A jornalista Elaine Tavares, editora de P&N, também em artigo intitulado "Antes eco-chato que eco-burro", mostra como a farta discussão feita por pesquisadores e ambientalistas da cidade dava indícios do que estava por vir. A jornalista conclui:

"Mas o fato é que toda esta discussão acaba não chegando ao povo, às gentes simples que compram terras em loteamentos ilegais ou em espaços degradados, passíveis da desgraça. Até por-

que a mídia, cortesã do poder, raramente dá espaço para as denúncias dos ambientalistas. E, as pessoas, na verdade, não têm muita escolha. Diante da transformação da terra em mercadoria, só podem fincar suas casas onde o bolso alcança. Então, tampouco se pode reputar a culpa aos pobres que se metem em lugares de risco. Para eles não há alternativas. Os que devem ser cobrados e punidos são os que se apropriam das terras e as loteiam, sabendo de todos os riscos. No geral, estes não são pobres. São os mesmos especuladores de sempre, basta seguir o rastro nos cartórios da cidade."

Vergílio (no centro): carteira de trabalho está sempre no bolso



Com Maria do Carmo

Por Elaine Tavares,
de Florianópolis



Eu era menina quando ouvi as gurias mais velhas falarem de um túmulo que havia atrás do quartel, na cidade de São Borja (RS), fronteira com a Argentina. “Ela é santa”, cochichavam, e preparavam prendas para levar quando fossem pedir para que viesse o sonhado príncipe. Andava-se muito para chegar até lá e os adultos não aconselhavam percorrer a pequena trilha no meio do mato. “É perigoso, vão sossegar.” Mas quê, as gurias não descansavam enquanto não fossem levar as ofertas e fazer os pedidos àquela que alguns davam como certo fazer milagres.

As versões do caso eram muitas, mas a que mais se ouvia era a de que lá pelo mês de agosto de 1890, ali havia sido assassinada a jovem Maria do Carmo Fagundes, guria de vida airosa, que era como chamavam as prostitutas naqueles dias. Mas, ao que parece, esta tinha um princípio irremovível: jamais se deitava com milicos. E vem daí a tragédia. Conta-se que um soldado apaixonou-se por Maria do Carmo e, desesperado por saber-se impossível, decidiu que ela não seria de mais ninguém. Então a matou, bem ali, atrás do quartel, o mesmo lugar onde alguns poucos amigos a enterraram. Mas sua alma alegre não suportou a fria terra, e ela decidiu que ali vagaria, acolhendo as dores do amor e fazendo felizes aqueles que lhe pedissem graça.

Foi aí que começaram os milagres. Não são poucas as histórias de gente que viu a mulher de longos cabelos negros brincando com o vento, fazendo os soldados, que ficavam nas



guaritas do quartel, tremer feito vara verde. Desde aí se espalharam os feitos da Maria do Carmo, a prostituta virada santa. Seu amor foi embora? Clame à Maria do Carmo. Faltou dinheiro? Clame à Maria do Carmo. Bateu a depressão, faltou o príncipe encantado, a vida foi pelo ralo? Clame à Maria do Carmo.

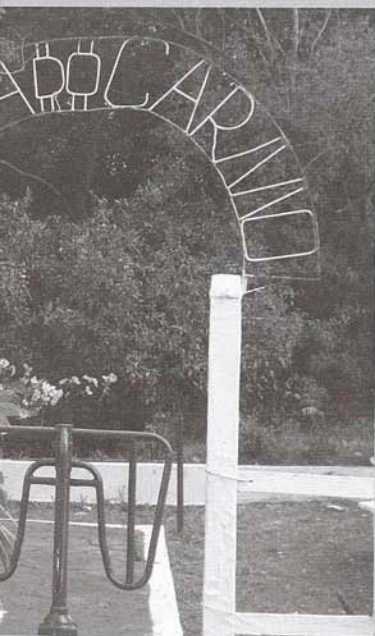
Quando chegava o mês de agosto era de lei caminhar pela trilha até o pequeno túmulo para levar flores, perfumes, bijuterias.



Fotos: Elaine Tavares

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

outra vez...



A Maria do Carmo era nossa lemanjá, venerada no outono. Não foram poucas as lágrimas derramadas naquele campo santo, fruto de amores não correspondidos e desejos de vida feliz.

Então, o tempo passou, eu cresci, fui embora da cidade, mas a força da santa das mulheres sempre me acompanhou. Agora, em janeiro, passei por São Borja, num átimo. Tinha várias opções. Ver alguns velhos amigos,

visitar antigos vizinhos, caminhar pelas veredas da minha infância. O tempo era curto, mas não hesitei. "Quero ir ao túmulo da Maria do Carmo". Por algum motivo, ele nunca saiu de mim; lugar de encantos e sortilégios. Surpresa, eu constatei que já não havia trilha nem mato, não era mais um lugar ermo. Havia casas por perto e uma estrada de chão levava até o campo santo, agora cercado, pintado e sinalizado. Pelas placas que ali estão, vê-se que a obra é de 2005.

Maria do Carmo dorme no pequeno túmulo azul, simples, mas bem cuidado, e ao seu redor multiplicam-se os presentes. Flores, perfumes, velas, bijuterias. O tempo passou e a mulher alegre, de longos cabelos, continua bailando atrás do quartel. Dizem que

os soldados já não lhe têm medo, ao contrário, a veneram e lhe trazem prendas. E, a contar pelos presentes espalhados no chão, a romaria de gente continua. Eu toquei seu nome e lhe fiz um pedido. Saí dali com o coração leve. Na tarde de verão missioneiro, incrivelmente soprava um brisa. Era ela. Eu sabia. Tocou meu rosto, senti seu cheiro. E quando o carro partiu a vi pelo espelho. Voejava envolta em azul. Acenou e sorriu. Então lembrei da última graça que lhe pedira antes de partir em 1977. Estava cumprida. Não era à toa que eu estava ali.



Tortura

Lá estavam eles, cansados, maltratados e apavorados. Tratados como mercadoria. Lançavam olhares que pareciam pedidos de socorro. Enfileirados em um estreito corredor, com o pêlo molhado, apanhavam com uma vara de eletrochoque, que os fazia andar mais rápido. Aterrorizados, esperavam a vez para entrar na sala da tortura. Pareciam saber do seu destino. Atordoados pelas marretadas na cabeça, ou pelos disparos da pistola pneumática, debatiam-se e mugiam alto, pedindo ajuda, suplicando compaixão. Sufocavam e sangravam, enquanto o couro era arrancado e os membros despedaçados. Agüentavam a tortura e, aos poucos, morriam.

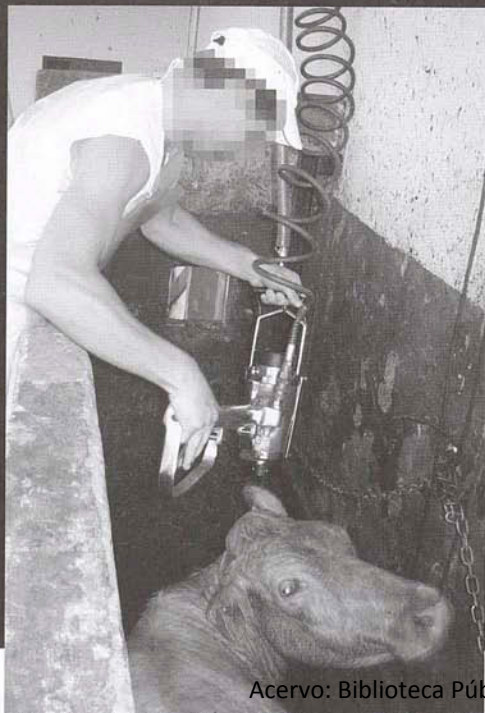
Esta cena vivenciada num matadouro mostra o quanto ainda se está em constante conflito com a nature-

za. A cada dia que passa, menos são respeitados os direitos dos animais e mais o ecossistema é destruído. Em toda a história, o homem subjugou os animais, matando-os e torturando-os, para satisfazer seus desejos e obter lucro, utilizando-os como objetos em circos, zoológicos, em nome de uma religião, cultura ou tradição. E como bem lembra Fernando Laerte Levai, no livro *Direito dos animais: o direito deles e nosso direito sobre eles*. "No Brasil, 99% das hipóteses de sofrimento animal está na indústria dos matadouros, nas atividades de vivissecção e na política pública de extermínio de animais abandonados na cidade, além de eventos supostamente culturais, recreativos como a farra-do-boi, rodeios, caça etc".

Por conta disso, os alimentos derivados de animais vêm de um grande

sofrimento. Mas a questão não é transformar o mundo em um lugar só para vegetarianos, e sim acabar com a tortura e os maus-tratos já que, não só a comida, mas objetos decorativos e peças de vestuário, também são produtos desta maldade, além de uma infinidade de outras mercadorias. Então, quando se degusta um filé mignon, sabe-se da sua procedência? Sabe-se sobre qual foi o processo pelo qual esta carne passou, até chegar ao prato?

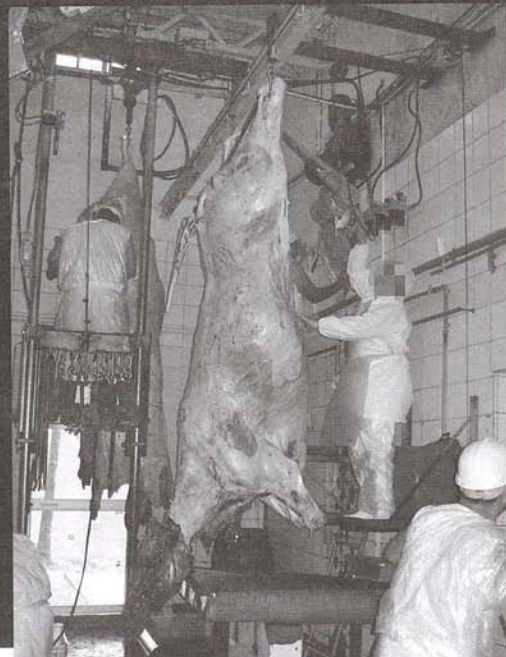
Pois, ao visitar alguns matadouros, constatei como é a vida e a morte destes animais, que se resume em sofrimento, dor e tortura. Criados para o abate, alguns vivem de um a dois anos; outros, apenas alguns dias ou meses, pois a carne de vitelo é mais macia que a carne do animal adulto. Ao contrário do que muitos imagi-



legalizada

Por Mariana Hoffmann,
de Florianópolis

*"...Enquanto os homens massacrarem os animais, eles se matarão uns aos outros. Aquele que semeia a morte e o sofrimento não pode colher a alegria e o amor".
(Pitágoras)*



nam, eles não têm uma vida feliz nos campos. Vivem para engordar, em condições precárias, limitados a pequenos espaços. Sua vida se resume em idas periódicas à balança, para ver se já estão com peso suficiente para o abate. Nasceram para servir, e morrem satisfazendo os seres que se denominam "humanos".

Propagandas e fotos de bois sorridentes, que não sangram e não sofrem, só escondem a realidade. O único interesse da indústria é maximizar o lucro e minimizar as despesas. Para isto, a "matéria-prima" deve ser "processada" da forma mais rápida e eficiente possível. A preocupação com o sofrimento dos animais e com a preservação do meio ambiente é considerada perda de tempo e dinheiro. Inúmeros matadouros, clandestinos ou legalizados, depositam as fezes dos animais nos rios. Os órgãos responsáveis pela fiscalização freqüentemente negligenciam estas irregularidades e outras, como a higiene no processamento da carne e o acompanhamento obrigatório de um veterinário.

Algumas indústrias têm a sua própria criação de gado. Outras compram de fora e trazem os bois em caminhões de transporte, geralmente lotados, com todos os animais em pé, lutando para manter o equilíbrio.

Eles são descarregados a chutes e colocados em um pequeno cercado, onde ficam esperando o momento do abate.

Um dos matadouros legalizados que visitei abate 50 animais por dia, das mais variadas maneiras. Utilizam golpes consecutivos de marreta na cabeça do animal ou valem-se de uma pistola pneumática, que dispara uma vareta metálica no crânio, perfurando-o até o cérebro. Na maioria das vezes, ambos os métodos apenas atordoam os animais, que ainda se debatem e sofrem. Depois, são pendurados de cabeça para baixo, suspensos por uma das patas traseiras.

Nesta fase, o animal ainda muge e balança o rabo, os pés, os seus olhos piscam. Logo que os funcionários do matadouro percebem, cortam o seu pescoço ou apenas continuam o processo, como se o animal já estivesse morto. Porém, ele ainda está vivo enquanto o pescoço é cortado para que o sangue escorra e suas patas, órgãos internos e couros são arrancados. O animal é decapitado, estripado e esquartejado.

Os funcionários nem mesmo utilizam luvas ou têm o acompanhamento de um veterinário. Depois, são levados a uma sala com diversos animais pendurados, e com sangue

espalhado pelo chão e paredes. Com facas, abrem suas barrigas e retiram as vísceras, que serão encaminhadas para o setor de embutidos. As partes que aparentemente não serviriam para nada, como carcaças e órgãos descartados, são moídos e utilizados para fabricar farinha. Em seguida o animal é dividido em duas metades e

a carcaça é lavada. Depois é feito o processo de retirada dos ossos, e suas partes são levadas para o frigorífico. Daí a carne seguirá para os açougues e mercados.

Muitos acham natural o que ocorre com os animais. Mas será uma atitude humana condenar espécies inteiras ao sofrimento para satisfazer nossos caprichos? Acreditamos ser donos do mundo por termos um cérebro desenvolvido e polegares opositores? Seriam estes parâmetros justos para determinar qual vida tem maior ou menor valor? O mundo não pertence a ninguém, e ao mesmo tempo pertence a todos os seres que o habitam. É de uso coletivo, mas tomamos posse e o utilizamos como propriedade privada.

Alguns políticos consideram a preservação do meio ambiente e dos animais atitudes medievais, porém o que poderia ser mais medieval que torturas e maus-tratos? Nossa sociedade, egoísta e capitalista, vive por dinheiro e para o dinheiro, mas quem somos nós sem os recursos naturais, os animais e a vegetação? Dependemos completamente da natureza. Deveria existir um elo de cumplicidade entre os seres que habitam o mundo e não uma relação unilateral de exploração. Enquanto os animais sangram, alguns bolsos se enchem; enquanto eles suplicam piedade, nos deliciamos com sua carne e esbanjamos o lucro derivado do seu sofrimento.

É este o legado de "civilização" que queremos deixar para os nossos filhos e netos? Como conter a violência dos jovens, se lhes damos exemplos tão deploráveis e, até para comer, nos valem de atos de notória e incontestável crueldade?

Mariana é estudante de Jornalismo na Unisul



“Porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos...”

Por Rondinelli Suave,
de Cachoeiro de Itapemirim, ES

... e sonhos não envelhecem”, canta o Milton Nascimento. Dois mil e oito. Duzentos mil habitantes disputam o ar, dividem as águas e vivem sob o jugo do escaldante sol de Cachoeiro de Itapemirim. Entrelaçados pelas montanhas que compõem a paisagem da cidade, caminham cidadãos a variados rumos. Perdem-se e reencontram-se em pontos históricos outrora marcantes na vida de quem defendeu bandeiras políticas, ideológicas e literárias.

Nas esquinas do centro, resquícios da boemia impressionados nas paredes de bares. No centro, o Cartório dos Braga, onde o poeta e jornalista Newton tramava, entre goles e ofícios, conspirações culturais para Cachoeiro. Conservadores e vanguardistas esbarrando opiniões e murros na Linha Vermelha, nas imediações do revolucionário Sindicato dos Ferroviários e onde mais fosse, nascida a oportunidade.

Clima de cidade pequena, sim, com direito a cabarés. Nada nem ninguém que substituisse o naturalismo e a beleza alucinante de Luz Del Fuego. E militância política? Quem não se lembrará do embate entre comunistas e integralistas na Estação Ferroviária, ponto de encontros e despedidas de quem ia tentar a vida fora ou chegava à cidade? Os vermelhos contra

os camisas-verdes pondo fogo nas praças, ingênuas de dia e maliciosas à noite.

Ponto de encontro da esquerda, dos intelectuais? O bar CDM: bar imaginário, cujo endereço seria heresia publicar aqui, tanto quanto o significado da sigla. Mas posso adiantar que lá há um encontro anual dos queridos amigos e militantes de décadas atrás. Segredo de Estado também é a localização da Praça Vermelha. Repórter de primeira viagem, descobri onde fica e quem são seus agitadores, mas – logo aprendo – não poderei identificar minhas fontes, por questão de sigilo profissional. Compareço ao Clube da Seresta, e lá falamos disso secretamente, encobertos pela embriaguez alheia.

Literatura parnasiana, sonetos, trovas, métrica. Onde estarão as obras? Talvez nos livros dos incansáveis historiadores da cidade, peregrinos resgatando a Cachoeiro de ontem para os cachoeirenses de hoje. E hoje? Poucos cidadãos como Pedro Reis, ilibado homem público que deixou saudades muitas e discípulos poucos.

Expectativas maiores que a nostalgia. Recepcionado pelos sons emitidos da Fábrica de Pios, um Sabiá circula o Palácio Jerônimo Monteiro. Traz consigo previsões para 2009, amarradas num papel quase branco que não aceita que a história



se repita, nem que os mesmos homens se revezem no poder. Nesse papel branco, apenas adormece um desenho: as portas abertas da Casas dos Braga e da Memória, riscadas com as tintas do engajamento.

Mesmo que não seja mais aquela aldeia bucólica, Cachoeiro colhe, em cada canto, grãos de História semeados pela música de Sérgio Sampaio e do desgarrado filho Roberto Carlos e colhidos na natureza exaltada por Rubem Braga. A Bienal Rubem Braga pretende atravessar Cachoeiro de canto a canto, começando pelas escolas. Os convidados? Todos. Momento aguardado por inquietos artistas que, de tão loucos, meu Deus!, creio não pertencerem a este mundo. Vêm de passagem.

O tema da Bienal 2008 foi meio ambiente. Andando pela cidade, poucas árvores fincadas em abatido solo de asfalto.

Chance de fertilizar a terra que sonha com o título de Capital Nacional da Crônica. Já criadas, nas raízes do bairrismo cachoeirense, bases desse sonho possível. Planta-se a árvore, com mãos coletivas, e a planta cresce rápido. Carece iniciativa voluntária, apoio político, dinheiro e disposição. Difícil? Tudo que é fácil invalida a peleja.

As barrentas águas do Itapemirim alimentarão a nova árvore do futuro Cachoeiro. As cinzas do Velho Braga correram o rio e já abriram portas. Já se passou muito tempo a traçar atalhos. Portanto, é seguir o caminho sem temer tropeços. É como profetizava uma moça chamada Clarice Lispector: “Um bicho conhece a sua floresta; e mesmo que se perca perder-se também é um caminho”.

Blog do autor
<http://estacaoimpresa.blogspot.com>

Por Elaine Tavares,
de Florianópolis

O quartel se fez lilás

Foram dias históricos. Guardando a entrada do quartel que abriga o comando da Polícia Militar em Santa Catarina estava uma mulher: Lucita, esposa de um praça. Decidida a mudar o rumo de sua vida, ela deixou para trás a casa, o filho, as obrigações de mulher do lar e veio lutar junto com mais outras centenas de mulheres de militares pelo cumprimento de uma lei aprovada em 2003 e que até hoje não foi cumprida na íntegra. A mulher de 42 anos era quem decidia sobre a entrada e saída de pessoas no lugar, porque este movimento, deflagrado em 22 de dezembro, a três dias do natal, quem comanda são as mulheres, colocando por terra todo o machismo típico do mundo militar.

Na Capital, por todo o quarteirão que abriga a corporação havia barracas armadas nas portas centrais. Nelas, as mulheres dos praças estabeleciam a ordem do dia e delas saía a voz de comando. Afinal, foram elas que, decididas a se tornarem sujeitos da história, venceram os maridos na proposta de ocupar os quartéis. Como argumento traziam o dia-a-dia que é administrado por elas. "Nossos maridos chegam estressados, não têm as condições de trabalho e muito menos um salário digno. Enquanto isso, os oficiais já tiveram seus ganhos. Porque não os praças? Nós também queremos viver dignamente."

Acampadas nas entradas dos quartéis, os militares, as esposas e filhos esperavam sensibilidade por parte do governador, até porque esta decisão extrema não surgiu do

nada. Ela foi fruto de meses e meses de frustradas negociações com um governo que se nega a ouvir a dor das famílias. "A prioridade agora é com os atingidos pelas enchentes", disse o secretário de Seguran-

ça na última reunião que acabou em nada. As mulheres sabem disso, mas entendem que tão trágico quando perder uma casa é perder a vida em serviço e sequer ser amparado pelo estado.

O movimento de ocupação se estendeu até o dia 29 de dezembro. Depois, mostrando vontade de negociar, os praças e as mulheres se retiraram dos quartéis, mas o governador apertou o cerco. Pediu

na Justiça a dissolução da Aprasc, impediu o uso das camisas da associação em qualquer espaço de serviço público e mandou punir os dirigentes da luta. Já são 10 os que respondem a processos sumários na

Justiça militar. O resultado é uma queda de braço. De um lado, o movimento que não esmorece, disposto a tudo, agora acampado em frente à Assembleia Legislativa da Capital e em mais duas cidades do estado, Lages e Chapecó; de outro, um governo autoritário e incapaz do diálogo.

Porque os praças estão em luta

A Lei 254 é uma antiga reivindicação dos militares catarinenses. Ela reorganiza a estrutura administrativa e a remuneração dos profissionais do Sistema de Segurança Pública da Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa do Cidadão. Na prática é uma espécie de plano de carreira já que estabelece a proporcionalidade remuneratória. Com ela, um coronel não pode ganhar mais do que quatro vezes o que ganha um soldado, eliminando graves distorções nos salários. A lei ainda elimina certos abonos e gratificações, incorporando-os ao salário, e cria adicionais de atividade que devem ser pagos de forma parcelada. Os dirigentes da Aprasc, Associação dos Praças de Santa Catarina, admitem que tiveram ganhos, mas a lei ficou pela metade. No caso dos oficiais, as vantagens que tinham – um abono de dois salários e meio – já foram incorporadas aos salários, mas os praças ainda não garantiram essa parte do acordo.

Quando em 2004 o cronograma de



Foto:
Alexandre Brandão

pagamento não se cumpriu, os praças reivindicaram o que estava escrito na lei. Naqueles dias, eles acreditaram na boa vontade do governador Luiz Henrique da Silveira. Saíram com um abono de 250 reais e 20% de reajuste parcelado. Mas não era o ideal. Em casa, as mulheres percebiam que a lei só sairia do papel se houvesse uma luta mais acirrada. Mas, ainda assim, aceitaram o abono e seguiram com suas vidas, confiando que quando se faz uma lei ela deve ser cumprida. Não foi assim.

Novas movimentações nos quartéis

Quando 2005 chegou, a Associação dos Praças insistiu outra vez, mas a desculpa do governo era a Lei de Responsa-

bilidade Fiscal. Não havia dinheiro para pessoal. “Por outro lado, tinha para o Funsocial, que é um recurso que vai para os amigos do rei”, insistem os praças. Segundo eles, aos empresários nunca foi negado dinheiro, mas aos trabalhadores sim. Para saber a verdade sobre a receita do estado a Aprasc encomendou um estudo ao DIEESE. Os dados foram surpreendentes. No ano da assinatura da lei, quando parte do dinheiro foi pago, a receita era de 300 milhões, e em 2008, com todos os argumentos de falta de verba, a receita estava em um bilhão e 100 milhões. Como era possível não ter dinheiro para aqueles que cuidam da segurança do estado?

Em maio de 2007, a Aprasc decidiu que estava na hora de dar um basta na confiança que os soldados, cabos, sargentos e subtenentes depositavam

no governador. Depois de semanas de mobilização, mais de três mil praças vieram para a Capital em uma grande manifestação em frente ao Centro Administrativo. Naqueles dias, o governo já havia até concedido novos benefícios aos oficiais e os ânimos estavam acirrados demais. Pois, de novo, o governador pediu confiança, jogou a decisão para longe e os praças voltaram para suas cidades de mãos abanando.

Eles não sabiam, mas as mulheres que os recebiam em casa, desolados, principiaram a se rebelar. “Só a gente sabe o que passa em casa, com o marido desesperado, cansado, se sentindo impotente diante de tudo isso, sem ter como botar comida na mesa e ainda correndo risco nas ruas. Foi aí que começamos a nos comunicar”, conta Denise Laurentino.

Foto: Kelen Oliveira



Unidas na luta por vida digna

E as mulheres dominarão a terra

Por conta das atividades da Aprasc muitas mulheres dos praças se conhecem. E deste conhecer social surgiu uma cumplicidade, afinal, só quem é mulher de policial sabe o que é viver a tortura de esperar a porta se abrir e o marido chegar, inteiro, vivo. Quando a lei 254 saiu em 2003 elas acreditaram que as coisas melhorariam, confiaram. Mas, com o passar do tempo, acompanhando a angústia e as lutas dos praças, perceberam que seria necessário colocar ali a colher, o coração, a vida.

Por isso, quando a última rodada de negociação, em maio de 2008, deu em nada, elas decidiram criar uma rede de comunicação pelo interior. Então, enquanto os maridos trabalhavam, elas se penduravam no telefone para mobilizar. “Chamamos uma reunião e decidimos percorrer o estado todo. Fomos em 20 municípios, reunindo, conversando, chamando pra luta. Considerando que vinham mulheres de outros lugares chegamos a atingir até 100 municípios. Foi quando veio a tragédia na região do Vale. Fizemos um levantamento e apuramos que havia 227 famílias de praças desabrigadas. Nos mobilizamos no atendimento destas famílias e isso ajudou ainda mais a nos aproximarmos umas das outras”, lembra Edileuza.

Quando dezembro chegou, elas decidiram botar o bloco na rua. Assim, no dia 11, realizaram uma Assembléia Geral das esposas que deliberou por uma ida à casa do governador. A idéia era falar com a primeira-dama e pedir apoio, como mulher e mãe. Mas, naquela tarde de sol, elas saíram mais do que queimadas. A primeira dama não as recebeu. Havia chegado de uma viagem ao Marrocos e estava muito cansada. Além disso, avisara pelo porteiro, questões políticas não eram com ela. As mulheres contam isso com lágrimas nos olhos. “Viemos em caminhada pela Beira Mar, cantando: o povo unido é um povo forte... Foi um momento de muita emoção. Havia gente do interior e as mulheres queriam fazer a diferença. Aquela negativa da

primeira dama não foi suficiente para nos derrotar. Nós faríamos valer a lei.”

Ocupações dos quartéis

A caminhada das mulheres terminou em nova assembléia, desta vez com os praças. Havia mais de 300 e a proposta era ocupar o Comando Geral. Quem argumentava contra era vaiado, ninguém as iria parar. “Decidimos não esperar pela direção da Aprasc, seríamos sujeitos desta história. Fomos para a Assembléia Legislativa e depois para o Comando Geral. Fechamos todas as saídas. Até o comandante ficou preso.”

Naquele dia também o coronel Eliésio decidiu apelar para as vítimas da enchente, pedindo compreensão às mulheres. Foi quando uma delas o surpreendeu: “Eu fui uma das que perdeu a casa na enchente e estou aqui. Preocupe-se comigo então!” Ele marcou uma reunião com o Secretário de Segurança e, confiantes, as mulheres suspenderam a mobilização, voltando à mesa. Mas tanto as lágrimas do comandante quanto a conversa com o secretário foram vãs. “Ele veio com o mesmo papo de que não tinha dinheiro, que estava ofendido com o Amauri (deputado Amauri Soares, que é dirigente da Aprasc), enfim, ficou na enrolação. Saímos dali e fomos mobilizar. Entendemos que só a luta faz a lei”. Na volta para casa, cabisbaixas, as mulheres de Chapecó tiveram uma surpresa. Ao descer do ônibus, os maridos as esperavam com rosas nas mãos. Naquele dia elas souberam que haviam iniciado um novo tempo em suas vidas.

No dia 12 de dezembro outras delas estavam em Laguna e, depois de uma reunião que mobilizou mais de 150 mulheres, decidiram ocupar o quartel de Criciúma. Elas entraram e esvaziaram os pneus dos carros. Na seqüência, outras 300 mulheres fecharam o quartel de Chapecó e o de Lages. Havia um rastro de pólvora lilás percorrendo o estado. Elas estavam de



Ana Paula Machiavelli e Lucita Cota Pereira

malas prontas para embarcar na viagem da defesa dos direitos. Nunca mais seriam as mesmas. Muitas nunca sequer haviam levantado a voz para o marido, agora estavam ali, donas de seus destinos, ocupando quartéis e decidindo as estratégias de luta. “A gente se rebelou, alguns maridos nem nos reconhecem mais”, diz Lucita.

O dia de Florianópolis

Na seqüência das ocupações, que duravam só um dia, elas decidiram ir para a Capital. Chamaram uma grande reunião para o 22 de dezembro. Ninguém se impor-



Edileuza: só a luta faz a lei

Foto: Thiago Bianchin

Foto: Alexandre Brandão

tou com árvore, presentes, natal. Ou seria um natal digno ou não seria. "O secretário humilhou as mulheres, muitas vieram porque acreditavam numa negociação, acreditavam neste governo, elas ficaram tristes, mas decididas a vôos mais altos". Assim, quando o 22 amanheceu, estavam de novo no quartel, ocupando. "Temos um comando e tudo é feito com disciplina militar. Nós conhecemos isso. Também estamos no comando geral do movimento, junto com os dirigentes da Aprasc. Somos um movimento autônomo", diz Edileuza.

O que erà para ser só um dia se estendeu porque o governo endureceu e as mulheres não acreditam mais em promessas. Ou se apresenta um cronograma para o pagamento do que diz a lei, ou a luta não cessa. A noite de natal foi a prova viva de que nada esmorece a luta. Algumas estavam longe de casa há dias, longe dos filhos pequenos. Tal como Lucimar Lindmar, que veio da cidade de Maravilha. Ela falou com os filhos pelo telefone e não agüentou a emoção. Entre lágrimas explicou que estava ali para ajudar a luta do pai e que se estava longe da família de sangue, estava com a família militar, que é importante também. "Sozinha a gente não faz a diferença, mas, juntos, a gente consegue."

A política do medo

O governo do estado não apenas fez ouvidos moucos como também uma guerra psicológica. Todas as noites corriam boatos de que o pessoal do BOPE (a tropa de elite) iria aparecer e levar todo mundo. "Eles ligavam dizendo que a tropa estava em formação, com os cavalos, os cães. Tentavam amedrontar, afinal, grande parte das mulheres nunca fizeram movimento" conta Edileuza. Mas o medo não venceu ninguém. Nem mesmo a ameaça de usar o Conselho Tutelar para tirar as crianças das mães que estavam acampadas ou a notícia da chegada da Força Nacional de Segurança. "Em todas as nossas manifestações fizemos a Ciranda, que é um jeito de cuidar das nossas crianças. Sempre tem alguém

tomando conta enquanto as demais estão no combate. É bonito ver as esposas que não foram criadas para a política fazendo esse movimento. A gente se tornou útil e ninguém vai tirar isso de nós. A gente era um botão e desabrochou", diz Lucita.

A decisão do governo de trazer a Força Nacional só deu mais respaldo ao movimento porque mostra que o governo tem, sim, dinheiro para resolver a questão. Os trabalhadores do estado só querem o que é seu direito e os guardas da Força Nacional levariam 130 reais por dia cada um. Como é que para eles tem dinheiro? Por que o governo não resolve a questão estabelecendo um cronograma de pagamento? Por que insistir em chamar de motim um movimento que só quer o cumprimento da lei? Estes eram os questionamentos que ficavam pulando por entre as tendas armadas nas entradas dos quartéis.

As perspectivas

A disposição de luta foi o principal motivo para a desocupação dos quartéis. As mulheres e os praças já haviam chamado a atenção da sociedade. Agora era estabelecer novas táticas. Assim, decidiram ocupar a frente da Assembléia, num acampamento de 24 horas. O povo que faz as leis precisava tomar a decisão de fazer cumprir o que era direito. Mas o governo decidiu desvelar sua cara autoritária. Exigiu a dissolução da Aprasc e iniciou o processo de punição às lideranças. Mas o que era para amedrontar atçou ainda mais os brios. Agora, os praças querem, além do cumprimento da lei, a suspensão de qualquer punição. Para isso contam com apoios fundamentais como o de todo o movimento social e popular de Florianópolis. Numa reunião, realizada em janeiro, as lideranças sindicais e populares se comprometeram a organizar, junto com a Aprasc, um ato nacional em defesa dos praças exigindo do governador o cumprimento da lei.

Entre as mulheres que iniciaram este movimento, há o consenso de que este já foi vitorioso. Mostrou a capacidade de

organização, a força e a coragem de todas. E mais, por conta disso decidiram criar uma Associação das Esposas dos Praças, fortalecendo ainda mais a mobilização. "Hoje é a lei 254, mas ainda há muita coisa para conquistar. Esse movimento revelou que muitas de nós estávamos adormecidas. Mas nós despertamos."

Quem as vê, vestidas de lilás, com a camiseta que grita em maiúscula: "Mulheres na Luta", a dar ordens, organizar guarda, comandar a tropa, não têm dúvida de que o que não lhes falta é coragem para enfrentar o que vier. Mas, apesar do aço do qual estão revestidas, elas também sabem se enternecer, como Edileuza a lembrar da caminhada sob o sol, com as mulheres cantando canções de luta. Ela pára, embarga a voz e deixa que escorram duas grossas lágrimas. Chora de alegria, de orgulho, de amor. E assim, nestes dias quente de verão, essas mulheres loucas vão se fortalecendo, seja com a chegada de novos companheiros, seja no abraço apertado de uma criança.

Ao lado delas estão os maridos (nem à frente, nem atrás), submetidos às suas ordens. Mulheres-comandantes, insurgentes e rebeldes, no caminho do ainda-não. Enquanto isso, lá no palácio os governantes tramam contra os trabalhadores. História antiga, história velha, mas sempre com a possibilidade do imponderável. Como as mulheres dizem: "se a gente está junto, a gente pode vencer". Quem duvida?



Tempo de vindima

Por Eluci Santini,
de Caxias do Sul, RS

Amanhece detrás das colinas onduladas do sul do Brasil. É verão, e os extensos parreirais nas encostas íngremes exalam o aroma agradável das uvas. Elisa desperta com o cantar das aves, prevendo um dia de sol e muito calor. Alberto, seu marido, e os dois filhos adolescentes já estão quase prontos para colher os cachos maduros. A família reside num casarão construído em pedra basalto que lembra uma antiga fortaleza. Os quartos são amplos e bem-iluminados. Na cozinha um fogão a lenha de longo tempo é onde Elisa prepara as refeições.

Na parte externa da moradia há uma horta repleta de verduras e legumes e um belo jardim de margaridas, roseiras e avencas. Árvores carregadas de frutos e araucárias centenárias sombreiam e harmonizam o terreno escarpado. Colhendo um buquê de flores, Elisa as dispõe em um vaso que coloca sobre a mesa de cedro, alegrando a sala de jantar.

Diariamente ela se detém em frente a um espelho amplo, presente de

seus pais falecidos. A vida é uma rotina, sem perspectivas de novos acontecimentos, e ela anseia por algo que desconhece. O casamento perdeu o encanto. Alberto é um bom pai, trabalhador, mas o romantismo dos primeiros tempos se esvaiu, dando à Elisa um ar melancólico.

Todos os anos, em época de vindima, o casal contrata um trabalhador braçal. Naquela manhã Alberto fez uma breve seleção e o escolhido foi Emílio, rapaz calvo, de pele bronzeada, que até o final da colheita fará parte do convívio familiar. Após as apresentações, Elisa o conduz ao sótão, abre as janelas e ambos apreciam a bela natureza do lugar.

À noite o jantar é servido e juntos fazem uma prece de agradecimento e elaboram planos para

as tarefas diárias. Elisa está calada, absorta em seus pensamentos. Ao cruzar o olhar com o de Emílio, um breve constrangimento acelera o seu coração e as faces enrubescem. Desculpando-se tímida, ela se dirige ao quarto. Algo de surpreendente está lhe acontecendo. Elisa tenta entender sentimentos de euforia nunca antes vividos. Diante do espelho, os seus olhos claros confirmam que a passagem dos anos não alterou em muito o semblante esguio que a torna uma mulher atraente.

Os dias passam e a troca de olhares de Elisa e Emílio é mais freqüente. O desejo do primeiro encontro se intensifica. As noites são intermináveis e a sufocam. Trair Alberto significaria uma união desfeita.

Ele jamais a perdoaria, mas como ignorar o prazer de sentir-se desejada?

Numa tarde, como de costume, Elisa põe, em uma cesta de vime, várias delícias que ela mesma prepara, não faltando o delicioso vinho artesanal que todos irão degustar. Moldando seus cabelos sedosos e vestida com uma túnica que realça sua silhueta, ela caminha nas trilhas íngremes que a conduzem aos parreirais, acompanhada de seus dois cães pastores.

Ao chegar com um sorriso brejeiro, cativa Emílio que, discretamente, retribui seus encantos. Pouco antes de anoitecer, Alberto e seus filhos retornam ao lar, após um dia exaustivo. Elisa e Emílio se detém recolhendo os cestos de vime. Após uma breve troca de olhares, abraçam-se e, estendidos na relva, entregam-se a um desejo recíproco.

Semanas depois, a colheita das uvas chega ao fim.

Emílio parte e Elisa está feliz, ansiando que o casamento perdue até a próxima vindima.





Com banana e com amor

Cozinhar não era o ponto forte da minha mãe, por isso ela ficou bem feliz quando eu comecei a realizar experiências na cozinha. Algumas surpreenderam, outras foram desastres totais que acabaram jogados atrás do muro, no fundo do quintal. Anos mais tarde, meu tio achou misteriosas bolinhas e nem de longe suspeitou que fossem meus nhoques malsucedidos.

Quando comecei a namorar aquele que seria o pai das minhas filhas e o meu grande amor, tornou-se freqüente eu fazer uma sobremesa no fim de sema-

na. Sábado, ele chegava à tardinha pra gente namorar, muitas vezes acompanhado do seu violão. Era nessa hora que eu oferecia o pudim de banana.

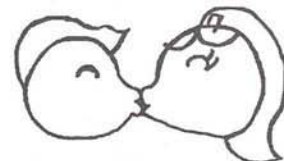
Lembro das tardes claras e mornas na grande cozinha da casa da minha mãe, em que eu fritava as bananas para fazer a sobremesa que eu repeti tantas vezes. E foram mesmo tantas e tantas que deu para experimentar inúmeras variações. Um nunca ficava completamente igual ao outro. Tudo dependia de quantos iriam comer e do que tinha em casa. Já inclui

até maçã e uva-passa com ótimos resultados.

Não me lembro de onde veio a receita. Não tínhamos revistas nem livros de culinária, só uma agenda antiga com capa azul-marinho onde encontrávamos o modo de fazer o bolo Manoel da Bahia e pudim de leite condensado misturados com listas, desenhos e outras anotações que nada tinham a ver com comida. O bolo e o pudim eram as únicas sobremesas que minha mãe fazia, sempre juntas, para aproveitar o calor do forno. Nesses dias a gente também se deliciava

com as balinhas de açúcar queimado que ela tirava do fundo da forma. Essas balinhas custaram algumas formas de alumínio, as que não furavam ficavam com o fundo bem deformado pelo amassador de carne de metal.

Passados uns 20 anos, minha mãe continua adorando o pudim de banana. Meu marido, bem, esse ficou tão enjoado que ainda hoje o evita.



Pudim de banana

1ª camada

Pode ser uma receita de pudim royal de baunilha, ou fazer um creme levando ao fogo 1/2 litro de leite, uma gema, duas colheres de sopa de maizena e duas de açúcar até borbulhar.

2ª camada

Oito bananas fritas em tiras ou cozidas no açúcar queimado, sem a calda.

3ª camada

Três ou quatro claras de ovos em neve com três colheres de sopa de açúcar. Depois de montar as camadas numa forma refratária, leve ao forno até que o suspiro da última camada fique dourado, depois espere esfriar e leve à geladeira.



+ um número

10

companhias têm o monopólio e o controle de mais de 2/3 do comércio de sementes certificadas no mundo, entre elas: Monsanto, Singer, Basf e Bayer - não há entre elas nenhuma indústria brasileira.

O monopólio e o controle do comércio de sementes certificadas atingem gravemente a agricultura familiar brasileira. De toda a alimentação que atualmente chega às nossas mesas, a agricultura familiar é responsável por

85%

No ano passado, foram registradas no Brasil

267.089

denúncias de imagens pornográficas na internet envolvendo crianças e adolescentes, o dobro do que em 2006, sendo que 90% delas são decorrentes de sites de relacionamentos, como o Orkut.

2009

É o ano do boi, segundo o horóscopo chinês.

Foi designado pela ONU como:

- Ano Internacional da Astronomia;
- Ano Internacional das Fibras Naturais;
- Ano Internacional da Reconciliação;
- Ano Internacional da Aprendizagem sobre Direitos Humanos; e
- Ano Internacional do Gorila.

A exploração sexual de crianças e adolescentes cresce exponencialmente. Dados do Unicef apontam para a existência de

150

milhões de meninas e mais de

70

milhões de meninos vitimados em todo o mundo.

De acordo com o professor de Economia da Universidade de Barcelona, Joan Rovira,

35%

do preço pago pelo consumidor final de medicamentos representam o que a indústria farmacêutica investiu na propaganda e na promoção das marcas comerciais.

Várias empresas prometem compensar a emissão de gases de efeito estufa, causadores do aquecimento global, com projetos de reflorestamento. Isso porque as árvores, durante seu desenvolvimento, "capturam" o gás carbônico, grande vilão das mudanças climáticas. Só que ninguém diz que essa captura leva várias décadas: não é do dia para a noite que as toneladas de carbono emitidas por uma atividade serão "neutralizadas". Para que o reflorestamento realmente surta algum efeito, são necessários

30

anos, em média, para o desenvolvimento da vegetação típica de Mata Atlântica, por exemplo. Portanto, é fundamental que haja o acompanhamento da vegetação cultivada.

Segundo cálculos da Max Ambiental, para cada tonelada de carbono emitida é necessário plantar

5

árvores.

A Novembrada

Por Raul Fitipaldi,
de Florianópolis

"Em meados de 1979, o governo anuncia uma visita de João Baptista Figueiredo a Florianópolis para o final de novembro daquele ano. De imediato, o governador "biônico" do estado na época, Jorge Bornhausen, mandou fazer os preparativos da festa, inclusive encomendaram uma canção alusiva à visita de Figueiredo ao compositor Luís Henrique, chamada Samba da Conciliação. Vejamos agora um trecho dessa canção:

*Presidente João
O povo do Brasil nesta canção
Vem lhe pedir humildemente
Um minuto de atenção.
O coração brasileiro não se cansa
De ter sempre uma esperança
Para a vida melhorar.
Pode contar com a gente
Presidente
A decisão está na sua mão.
Santa Catarina saúda João
O presidente da conciliação.*

(MIGUEL, 1995, p.16)"

Livro sobre o tema: A Revolta em Florianópolis - A Novembrada de 1979. Editora Insular, 2001.

Em 1979, em Montevidéu, descobri pelas agências de notícias que existia uma cidade bonita, com bravos estudantes, com um povo intenso e que ficava numa Ilha com nome de Santa. Porém, se lhe conhecia pelo nome historicamente incorreto que ainda tem: Florianópolis.

O instrumento dessa descoberta ficou conhecido através do tempo como NOVEMBRADE. A memória popular pode dizer, sem dúvidas, que com uma centenária figueira como testemunha, foi em Desterro (Florianópolis) que começou a cair uma das ditaduras que o Imperialismo impingiu à Nossa América.

29 anos depois, privilégio imerecido para mim, uma das figuras principais desse episódio épico da história da minha atual cidade é minha querida amiga e camarada Rosângela "Lelê" de Souza. Advogada, militante das causas sociais (quase todas), persistente, radical, bela, jovem ainda e manifestamente anticapitalista e antiimperialista, sem esses desvios de trajetória que a tantos companheiros jogaram na vala comum do entreguismo e do fracasso.

Raul Fitipaldi: Vejamos então quem é Lelê, 29 anos depois.

Lelê: Parece que a polícia não gosta mesmo de ti. Por qual razão te querem processar agora?

Lelê: Além de militante socialista, sou uma advogada que defende, intransigentemente, os direitos humanos e sei o quanto são violentas nossas polícias, tanto a civil quanto a militar, e sempre temo pelas pessoas que são feitas prisioneiras.

No sábado de carnaval do ano passado, por volta das dez da noite, estava na Praça XV, conversando com amigos, quando vi um jovem ser detido e encaminhado ao camburão. Estava bastante alterado e batia nos policiais e, conversando com estes, apresentei-me como advogada, pedi um tempo para tentar acalmá-lo. Um dos policiais concordou, mas os demais, de forma agressiva, tentavam colocá-lo dentro da viatura e, preocupada, tentei evitar e fui agredida fisicamente pelos policiais e jogada ao chão. O Nestor tentou ajudar-me e recebeu gás pimenta, por duas vezes, em seus olhos. Fizemos a ocorrência por abuso de autoridade e agressão física, mas o que sei e que estamos sendo processados por perturbação ao sossego público.

RF: Mudou o aparelho repressor desde 1979 até o presente?

20 anos depois

Lelê: Não pode ser negado que oficialmente ocorreram mudanças no aparelho repressor e que mesmo, de fato, há conquistas no campo das liberdades individuais. É incomparável a democracia hoje experimentada no Brasil com a ditadura militar. No entanto, há muito a ser feito, porque os pobres, as minorias, os não-brancos, são muito pouco respeitados em seus direitos pelos poderes constituídos.

RF: Houve avanços para a classe trabalhadora e os estudantes desde a Novembrada até este último trecho do segundo mandato de Lula?

Lelê: Como já disse, as conquistas são inegáveis, embora o aparelho repressor do Estado burguês brasileiro esteja mais ativo que nunca, mas de uma forma mais sofisticada, dissimulada. No campo político, raramente usa de métodos agressivos, mesmo porque está muito fácil cooptar aqueles que em algum momento estiveram ou ainda estão nas organizações operárias e estudantis. No Brasil, tenho a impressão de que este processo, após a última ditadura, começou no governo de FHC e aprofundou-se no governo Lula.

Também tem procurado fazer mais uso da legalidade e, ao invés de reprimir, criminaliza as lutas sociais e, neste sentido, tem contado com a firme colaboração de setores do Ministério Público e do Poder Judiciário.

Mas, sem dúvida, os jovens e a classe trabalhadora continuam lutando em defesa de seus direitos e conquistas e, na tentativa de detê-los, os proprietários usam de violência, nem sempre sutil. Não dá para esquecer, aqui em Florianópolis, a violência usada para reprimir as greves dos motoristas no governo de Paulo Afonso (estadual) e Ângela Amin (municipal) e o Movimento pelo

Passo Livre no governo de Luiz Henrique (estadual) e Dário (municipal).

Além disso, a polícia brasileira é uma das que mais mata e tortura no mundo e, se nada está sendo feito para mudar esta realidade, é porque serve aos que estão no poder.

RF: Quem foram teus companheiro/as presos/as na Novembrada e onde estão hoje?

Lelê: Primeiro quero deixar claro que a Novembrada não foi feita somente por aqueles que foram presos. Nos éramos muitos, felizmente. Por isso, fica difícil dizer onde todos estão hoje. Dos que foram presos, sei que a Ligia Giovanella, médica, trabalha na Fundação Fiocruz no Rio de Janeiro, o Geraldo Barbosa é professor e militante socialista aqui em Florianópolis, o Milton Vasconcelos é médico no Tribunal de Justiça, o Amilton Alexandre – o Mosquito – é administrador e, também, de certa forma,

Foto: Flora Lorena



militante, a Marise é bioquímica, mora em Florianópolis, mas não a tenho encontrado nos últimos anos. O Adolfo faleceu, mas não sei o ano, esqueci.

RF: Podes nos oferecer um breve perfil de Adolfo Dias?

Lelê: Fica difícil fazer um perfil do Adolfo, primeiro porque não é fácil falar de alguém e segundo, porque pessoalmente éramos muito amigos e politicamente pensávamos de forma muito diferente, embora tenha começado a militar levada por ele. Chegamos a romper por questões políticas e, felizmente, graças à grande figura que era, voltamos a ser amigos. O Adolfo era uma pessoa linda, amável, paciente e solidária, além de culto e inteligente. Dizia-se anarquista, mas na militância estudantil sempre esteve ao lado dos reformistas (e sorria com paciência quando eu, raivosamente, o chamava de estalinista) e foi presidente da UCE e do DCE com o apoio deles, do Partidão, como falávamos. Chegamos a trabalhar juntos, na década de 90, como advogados do SINTRASEM. Quando morreu, trabalhava no TRT. Morro de saudades.

RF: Tu não paras de militar. Quais são tuas prioridades militantes no presente?

Lelê: Minha prioridade é fazer a revolução e, para isso, procuro colaborar com a construção da direção revolucionária da classe trabalhadora e da juventude,

militando na Corrente O Trabalho - IV Internacional.

RF: Que comentários merece a atual conjuntura da América Latina?

Lelê: É uma conjuntura bastante favorável para nós, que queremos construir uma sociedade socialista. Os povos estão mostrando que querem mudanças, que já não suportam mais uma sociedade sustentada na exploração, na miséria, na falta de solidariedade. Vamos ver se seremos capazes de transformar esta vontade em realidade.

RF: Que ensinamentos nos deixou a Novembrada?

Lelê: A Novembrada ensinou que não existe povo pacífico e sim desorganizado, e que a crise do movimento operário é a crise de sua direção. Estudantes minimamente organizados conseguiram unificar-se aos trabalhadores e dizer à ditadura que ela não conseguiria nos enganar dourando a pílula, mudando o nome do General Figueiredo para João, o Presidente da Conciliação. Para Florianópolis o movimento foi bastante importante porque caiu por terra a noção de povo pacífico. Após a Novembrada tornaram-se comuns os movimentos de rua, as greves, a tomada de sindicatos dirigidos por direções pelegas... Além disso, foi mais um incentivo a todos aqueles que há muito lutavam pela derrubada da ditadura militar.

Notas em:

- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Novembrada>
- http://www.vermelho.org.br/diario/2004/1202/1202_novembrada.asp
- <http://tupanfloripa.blogspot.com/2008/11/novembrada-faz-29-anos.html>

Veja mais fotos de Flora

Lorena em:

- www.flickr.com/photos/floralorena

Revista Virtual
Desacato
América Latina – Soberania e Paz

www.desacato.info
desacato.brasil@gmail.com



POR UMA PALESTINA LIVRE E SOBERANA

A humanidade do céu

Por **Miriam Santini de Abreu,**
de Florianópolis

Nasci no alvorecer da lua cheia de uma terça-feira de setembro. E assim todo mês eu a espero. Sou como José, o filho de Jacó, que, sob os terebintos do deserto, se entregava à adoração de Istar da Babilônia, a deusa-lua. Mas onde moro a lua "não nasce". Ela apenas aparece, já alta no firmamento. Estou mal-localizada no mapa dos que se comovem com os astros. Prédios demais, luzes coloridas por toda parte, sem linha de horizonte, parte feia da cidade.

Um desses condomínios de gente chique na Capital uma vez anunciou, num outdoor, que ali se saberia "a diferença entre morar e viver". Brilhante! Viver nas cidades é fruir a beleza, os aromas, os ritmos, desdobrar as vontades. Morar é bem menos. Quem apenas mora muitas vezes apenas espia, de manhãzinha, socado dentro dos ônibus e metrô lotados, a vida que passa lá fora. À noite, quando segue para o pedacinho de território onde descansa as dores, cansado do trabalho, ficam para trás, distantes, as coisas que deixam em festa a alma dos que podem viver. E também não consegue ver as estrelas. Não há, em nenhuma Constituição, o direito ao céu noturno. Deveria

existir, porque observar a Via Láctea numa noite fria nos faz perceber a nossa humanidade, e ver na desumanidade algo intolerável.

Extraí este trecho de um artigo do jornalista Washington Novaes: "Dois terços das pessoas nos EUA e na Europa nem vêem mais um céu estrelado e nunca têm escuro suficiente para que seus olhos se adaptem a uma visão noturna. Nas cidades vêem apenas umas poucas dezenas de estrelas; nas áreas rurais, cerca de 2 mil. As luzes de Los Angeles podem ser avistadas a 200 quilômetros de distância, no Vale da Morte. Há pouco tempo, médicos tiveram de atender habitantes de Los Angeles, assustados com o que viram, durante um blecaute: "Uma estranha substância líquida no céu" (era a Via Láctea)."

Então, para flagrar a lua cheia espreguiçar e desprender-se da água, dos morros, preciso ir a lugares onde a beleza da paisagem determina, cada vez mais, o preço dos terrenos. Uma vez, no Morro das Pedras, surpreendi a lua ir à fimbria do céu, chamejante como o sol. Na areia estava um pescador tarrafeando; mais além, um homem contava ao seu cão como Mama Quilla – a deusa-lua venerada

pelos incas - fugira, naquela noite, do apetite do jaguar celeste. Na praia, eu confundi uma tampa da garrafa com um dobrão espanhol. Somos almas antigas sob a lua.

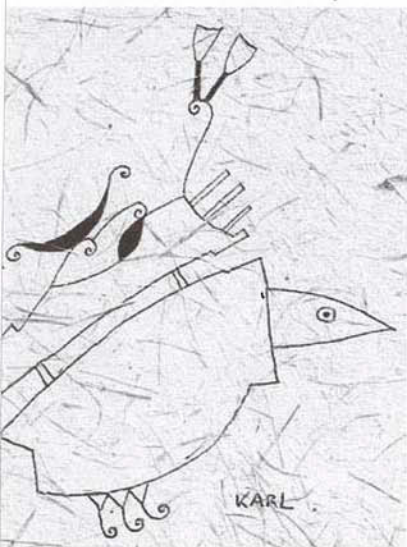
Na Praia Mole, a lua cheia de uma noite de inverno me fez atravessar, sozinha, uma trilha até a praia. O círculo era tão dourado que parecia – a lua – ter definitivamente seqüestrado o âmago do sol. No Campeche, rodopiei sob a areia depois de tomar um banho de mar noturno, com Istar-Mama Quilla refulgente sobre os morros. Em setembro passado, fizemos – eu, Rogério, Marcela e George – a trilha que leva à Praia da Solidão. Um dia antes de eu completar mais uma volta em torno do sol, lá estavam nós, sobre as pedras, num gesto imemorial de celebração. Assim como naquele distante 1970, a lua cheia encharcava-me. Cibeli Cambuci escreveu isso: "Todos nós queremos um Deus imigrante em nosso corpo". Esse Deus que imigra com a lua entra em mim rugindo, sedento de águas não-bebidas em desertos secos, encharcando-se da água da chuva que desce sem parar dos meus cântaros. Como negar-lhe a saciedade?

Neste tempo em que nos açoitam as tempestades e o calor sufocante, eu às vezes me acalmo nas madrugadas. Nelas o vento sopra estranhas orações e faz brincarem elainices na memória:

"É tempo de dizer o nome da beleza para que ela nos tome inteira, como crêem os Navajos. E a terra será bela, e o banquete repartido."

Em tempo: elainices são como batizei os escritos de Elaine Tavares, editora desta Pobres & Nojentas
O artigo de Washington Novaes está disponível em:
<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=59649>

Karl: 25 anos de poesia



A editora Letradágua está lançando *Casa de água*, uma edição comemorativa dos 25 anos de produção poética do escritor catarinense Fernando José Karl, autor do blog Nautikkon e colaborador da revista Pobres & Nojentas. *Casa de água* é uma antologia que reúne 200 poemas, selecionados pelo poeta catarinense Dennis Radünz, dos livros de Karl. Nessa antologia também foram incluídos 30 desenhos de sua autoria. Eis os títulos que compõem o *Casa de água*:

1. Tema para romance

2. No verão amadurecem os chapéus

3. Desenhos mínimos de rios

4. Diário estrangeiro

5. Travesseiro de pedra

6. Brisa em Bizâncio

7. Se eu mesmo fosse o inverno sombrio.

Quem deseja adquirir o livro pode entrar em contato com o Antonio, dono do sofisticado Sebo Dom Quixote, na cidade de São Bento do Sul/SC, e solicitar um exemplar a ele através do contato@sebodomquixote.com.br ou

do telefone: (47)3633-5365. Detalhe: o livro só pode ser encontrado no Sebo Dom Quixote. O preço do exemplar é de R\$ 30,00 + o valor do impresso registrado (que custa mais ou menos R\$ 4,00). Isso significa que, por apenas R\$ 35,00, você pode levar para casa 25 anos de dedicação ininterrupta à arte de escrever.

www.sebodomquixote.com.br

Blog do Karl: <http://www.nautikkon.blogspot.com>



- Meu Deus, nada do que vocês inventam dá lucro!

Lamento dos maridos das jornalistas que estão na equipe da Pobres.

Um(a) e outras

Por Celso Vicenzi, de Florianópolis



Celso Vicenzi, jornalista, já foi presidente do Sindicato dos Jornalistas/

SC, Prêmio Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito.

ÓDIO INFLACIONADO. No passado até as vinganças eram mais justas. Era "olho por olho, dente por dente". Hoje são 100 palestinos por judeu morto, no mínimo.

PAÍS DAS OPORTUNIDADES. No Brasil, não faltam oportunidades. É só conferir o noticiário. Escolha a sua: fraude, engano, falsificação, embuste, dolo, trapaça, tramóia, intrujice, má-fé, estelionato, trambique, colusória, contrabando, burla, adulteração, trapaça, aliciamento, calote, engodo, farsa, rolo, logro, ta-

peação, charlatanice, mentira, palavra, patranha, desonestidade, desonra, indecência, deslealdade, improbidade...

AJUDA. Nestes tempos de crise, melhor que oferecer preséntimos é oferecer empréstimos.

ONDE DÓI. Perder dinheiro pode literalmente doer, segundo um estudo. Cientistas verificaram que a área do cérebro que é ativada quando perdemos dinheiro é a mesma que responde ao medo e à dor. Ora, os cientistas que me perdoem, mas a coisa é ainda pior e nem precisa de estudos que comprovem

o que a maioria já sabe: perder dinheiro dói até na alma!

E SE TRABALHA? São tantos os jantares, as recepções, as solenidades, as inaugurações, tanta pompa e majestade que o supremo cargo do Executivo, no Brasil, está mais para mestre-de-cerimônias do que mestre-de-obras.

POIS É. Tem muitos laços de amizade que terminam em apertados e complicados nós.

É SEMPRE ASSIM. Todo ano-novo promete. Promete e não cumpre!

Pequeno gesto

Por Rosângela Bion de Assis,
de Florianópolis

As coisas estão por todos os lados,
coloridas, brilhantes, tão novas!

– Você precisa ter!

Me dizem.

– Você será mais feliz com elas,
mais moderno!

Insistem.

As coisas estão em promoção.

Até 50%, até 70%, se levar três, se levar quatro...

– As vantagens são cumulativas!

Pra quem?

– É imperdível!

Me dizem,

– É o que todos estão usando!

Todos quem?

Estão comprando os que sempre compraram.

Não encontro um planeta novo nessa liquidação?

As coisas me chamam pela TV,

pelos jornais, pintadas nas vitrines.

Olho pra elas, chego a tocá-las,
mas nada me prende.

Estou livre

e saio caminhando na manhã quente de verão,
em direção à chuva fina.

Vitoriosa.

Não preciso de nada,

Mas preciso refletir sobre cada passo,
cada pequeno gesto.

Disso depende o amanhã.

Desilusão



"Queria que meu riso fosse mais farto que meu choro!
Que tivesse mais câimbras no rosto, do que nó na garganta!
Mais rompantes de gargalhada,
Que aperto no peito.

Sempre quis como todo ser humano ser mais feliz que triste.
Mais solta do que teimosamente aflita.
Só que a cada espontaneidade em que algo me desaponta,
me torno mais quem não queria.

Sonhava como todo mundo, em ser feliz!
Em ter muitos amigos,
Que me amassem e que eu amasse!
Ter um amor,
Pra quem eu fosse muito.

Mas tenho dado com os burros n'água!
Os amigos não são tão fartos quanto em meus sonhos.
Os amores menos ainda!
A alegria de viver já não impera em todos os meus dias.
O sol não ilumina e aquece como eu esperei!

A mulher desiludida?
É a menina que cresceu e não soube realizar o que sonhou.
Não soube também aprender com os erros e com os acertos,
o suficiente para mudar sua vida!

Fazer nossa história é difícil!
Às vezes cansa,
e fico como quem quisesse que as coisas simplesmente
acontecessem.
É preciso avançar, então depois de dormir um pouquinho,
eu continuo a luta!
Do jeito que posso, do jeito que suporto,
do jeito que consigo.

Com menos esforço do que poderia?
Talvez!
Mas com a disposição que tenho agora!

Quando os bichos são mercadoria Na página 10



Foto: Miriam Santini de Abreu

Desabrigadôs exigem dignidade Na página 4

